



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de apresentação das ações de fortalecimento da Política
Nacional de Atenção às Urgências**

Natal-RN, 09 de junho de 2010

Bem, eu quero, primeiro, dizer a vocês da alegria de estar outra vez nesta querida capital do Rio Grande do Norte, a nossa querida Natal. Eu estava falando para a Governadora que eu tenho um sonho, que quando eu deixar de ser presidente eu vou vir aqui em uma praia chamada praia de Pipa. Eu só vejo por fotografia, mas eu, um dia, vou passar uns três dias [para] fazer inveja a quem estiver trabalhando no governo.

Eu quero cumprimentar o nosso querido Iberê Ferreira, governador do estado do Rio Grande do Norte. Fique certo, Governador, de que eu estarei torcendo para que você possa se recuperar definitivamente dessa doença.

Quero cumprimentar a nossa querida Wilma de Faria, ex-governadora do Rio Grande do Norte,

Quero cumprimentar o nosso ministro José Gomes Temporão, ministro da Saúde; o Luiz Barretto, ministro do Turismo; o Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário; e o companheiro Franklin Martins, ministro da Comunicação Social,

Quero cumprimentar o deputado Robinson Mesquita de Faria, presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte,

Quero cumprimentar a senadora Rosalba Ciarlini,

Quero cumprimentar o senador Garibaldi Alves,

Quero cumprimentar os deputados federais Fátima Bezerra, João Maia, Henrique Alves e Sandra Rosado,

Quero cumprimentar a prefeita de Natal, Micarla de Sousa,

Quero cumprimentar o Paulo Eduardo da Costa Freire, vice-prefeito de



Natal,

Quero cumprimentar o Jonei Anderson, diretor da *UPA 24h Dr. Ruy Pereira dos Santos*, por meio de quem eu quero cumprimentar todos os profissionais da área da Saúde,

Quero cumprimentar a Ana Brito, viúva do nosso saudoso Dr. Ruy Pereira dos Santos,

Quero cumprimentar os moradores de Pajuçara,

Quero cumprimentar prefeitos, aqui, das cidades vizinhas, do interior,

Quero cumprimentar os vereadores,

Cumprimentar os secretários,

Cumprimentar a nossa querida imprensa,

Depois, Prefeito, é importante levar a imprensa para visitar, para visitar e ver o que vai acontecer na UPA. Eu... Todo mundo que for consultado vai receber um cartãozinho destes, UPA 24h. Obviamente que eu espero e peço a Deus que vocês demorem muito para vir à UPA e não fiquem doentes.

Mas, eu estava vendo dois caboclos tentando brigar aí. Eu, eu comecei a intuir que, se duas pessoas vieram em um evento desses - na frente do Presidente da República, do Governador, da Prefeita, de senador, de deputado e do povo de Natal - e resolveram brigar, é porque eu acho que eles estavam discutindo quem seria o primeiro a ser atendido aqui na UPA 24h. Não, não existe outra explicação.

Bem, eu... eu queria, primeiro, pedir desculpas aqui, porque não existe o hábito de um presidente da República pedir desculpas, porque as pessoas se acham muito importantes. Mas eu tinha que estar aqui cedo, vocês estão aqui há muito tempo, e eu só pude chegar agora porque eu estava tendo que fazer um telefonema ao Primeiro-Ministro da Turquia para resolver um (falha no áudio) de uma votação que vai ter hoje na ONU, no Conselho de Segurança. E é muito difícil a ligação, caía a linha, ele falava e eu não entendia nada, eu



falava e ele não entendia nada. Então, tinha que ter intérprete para o português, para o inglês, para todo mundo. Mas, de qualquer forma, conseguimos tomar uma posição conjunta.

Então, eu quero pedir desculpas a vocês, em primeiro lugar, porque muita gente chegou aqui às 8h da manhã, às 8h da manhã, não é fácil, nem para ver o Corinthians a gente espera tanto. Quero... Quero dizer para a Prefeita que eu cheguei quando ela estava no meio do discurso, e eu não entrei aqui porque eu achei que seria deselegante cortar o discurso no meio, porque a gente termina esquecendo o que a gente está falando e... Eu, pelo menos, esqueço. Então, eu quero pedir desculpas a vocês.

Bem, mas eu penso que nós estamos hoje aqui para comemorar uma coisa importante. Depois que terminar este ato, certamente vocês vão ter possibilidade de fazer uma visita à UPA que foi inaugurada aqui, e vocês vão perceber que vai ter 500 dessas no Brasil, e aqui no estado do Rio Grande do Norte serão onze: quatro em Natal e sete em cidades do interior. Pelo menos até 2010 é o que nós podemos fazer. Depois, o que nós podemos esperamos é que as pessoas que virão vão fazer mais 500, mais 500, até que a gente tenha um sistema de saúde que cuide dignamente do povo brasileiro, das mulheres, dos homens e das crianças. A segunda coisa é que eu entreguei para o Governador a chave de uma ambulância. O estado do Rio Grande do Norte vai ter 77 ambulâncias: 69 novas e 8 que nós vamos trocar por umas velhas [trocar umas velhas] que têm aí - nós vamos tirar e colocar novas -, e vão ficar 77 ambulâncias para cobrir todo o estado do Rio Grande do Norte. Nós sabemos o que sofre um prefeito de uma cidade pequena quando tem que levar um morador da sua cidade para a capital, para ser tratado. Às vezes não tem ambulância, às vezes tem que contratar particular e às vezes tem que pagar dinheiro que a prefeitura não tem, e nem sempre a ambulância é adequada.

Nós vamos ter dois tipos de ambulância aqui: nós vamos ter uma ambulância dessas que são as básicas, que tem, lá, cama, que tem o “negócio”



para medir a pressão, que vai ter o médico e o enfermeiro – essa é a básica. Mas vai ter uma sofisticada, tão sofisticada que, quando a pessoa, Deus queira que não entre nunca, mas, se entrar lá dentro, vai querer ficar, de tão boa que é. Eu não sei se essa ambulância é aquela que o médico pode se conectar com o hospital e tirar, por exemplo, a pressão, passar direto a radiografia. Vão ser cinco dessas, altamente sofisticadas, para casos mais graves. Se acontecer uma desgraça na estrada, se alguém, de noite, acontecer um problema em casa, as ambulâncias estão aí para atender o povo. E essas 77 ambulâncias, Governador, vão cobrir 95% das necessidades do estado do Rio Grande do Norte, o que é uma coisa extremamente importante.

Bem, dito isso, eu queria dizer para vocês que ontem eu fui a um estado do Nordeste, irmão do Rio Grande do Norte, ao Ceará, inaugurar uma coisa que vão ter outros pelo Nordeste afora, que foi um banco de sangue que vai coletar o cordão umbilical e a placenta das mulheres para que a gente possa ter possibilidades de cuidar de uma pessoa que tenha leucemia, de uma pessoa que precisa fazer um transplante de medula, a gente poder fazer isso. Isso não existia no Brasil. Foi esse moço, esse moço que construiu, no Brasil, a partir de 2003.

Antes, quando uma pessoa, mesmo que rica, precisava fazer um transplante de medula, tinha que ir ou para a Alemanha ou para os Estados Unidos comprar, e custava US\$ 32 mil cada vez que você comprava o necessário para fazer um transplante. Agora, nós tínhamos apenas... não tínhamos... O rico, quando ele... Já faz alguns anos, quando uma pessoa rica ou bem de vida, quando nasce uma criança, já manda cortar o cordão umbilical e já manda guardar, paga R\$ 80,00 por mês. Mas isso é para rico. Para pobre, pobre vai ao hospital ter um filho, os “bichos” tiram a criança, cortam o umbigo e jogam fora. Agora não! Agora, agora, nós vamos ter... Já tem cinco na região Sudeste, inauguramos o primeiro do Nordeste, em Fortaleza, vamos inaugurar mais uns cinco ou seis. Já falei para o Ministro que, nessa semana mesmo, vou



ligar para o Luciano Coutinho e mandar ele colocar a mão no bolso e pegar mais R\$ 30 milhões do BNDES e colocar para a gente montar outros bancos de sangue, para que o pobre que estiver doente possa ter o mesmo tratamento que o rico tem neste país.

Eu sei, Temporão, a diferença do tratamento do rico para o pobre, eu sei. Porque hoje eu sou Presidente, quando eu tenho um problema qualquer, você sabe: eu vou para São Paulo, em São Paulo eu passo em uma quantidade de máquinas – nem médico conversa comigo, é só máquina, máquina: fotografia do busto, fotografia da perna, do joelho, da cabeça, do tornozelo, de tudo que vocês possam imaginar. É máquina, máquina atrás de máquina. Para o pobre não tem isso, não tem isso. Eu, quando cortei esse dedo aqui, eu cortei esse dedo [às] 2h20 da manhã. Eu poderia ter um “cotozinho” aqui para coçar o ouvido, pelo menos, poderia ter tirado só a metade, mas como eu estava fedendo à graxa, com macacão, o médico achou mais fácil arrancar logo tudo. Para que ficar cuidando de um cotó? É assim que faz com o pobre. Ainda hoje, o pobre não é tratado corretamente. Eu sei do seu esforço, Temporão, para melhorar a questão da saúde; eu sei da dignidade dos profissionais da área da saúde; eu sei do sacrifício que eles fazem para trabalhar; eu sei o quanto criticaram o SUS, quando nós criamos o SUS, na Constituição de [19]88, eu sei o quanto nós fomos criticados por que criamos o SUS, e hoje, o SUS é uma referência mundial. Tem poucos países do mundo que tem a qualidade de tratamento que faz o SUS, as pessoas veem transplantes por aí, pensam que são os hospitais ricos que fazem. A maioria dos transplantes é paga pelo SUS, é paga pelo dinheiro arrecadado para manter o SUS.

Nós vamos ter aqui, neste estado, praticamente cobertura total de saúde bucal. Nós temos, aqui, 851 equipes de dentistas para tratar da saúde bucal, porque qual é o problema que nós temos? É que o povo pobre não tem dinheiro para ir a um dentista. Se vai fazer uma obturação, custa caro para



“desgrama”, às vezes, a gente nem pergunta para fazer orçamento. Tratamento de canal, nem pensar! Ortodontia, nem pensar! Então, eu disse ao Temporão: Temporão, vamos fazer com que o tratamento de saúde chegue ao pobre na questão da saúde bucal, dos dentes, porque a gente cuida do tornozelo, da canela, da unha do pé, e do dente o SUS não cuidava. Agora, com a saúde bucal, nós estamos montando – eu não sei se aqui, em Natal, tem – o Brasil Sorridente. Se tiver o Brasil Sorridente, nós queremos montar em cada cidade... Mas nós cometemos um pequeno erro: a gente montou na cidade e se esqueceu das pessoas que moram bem distante da cidade. Portanto, nós já compramos 160 ambulâncias, que vão vir equipadas com cadeira de dentista, com motorzinho moderno, com água, para que a ambulância vá lá no meio do mato pegar o companheiro que nunca pôde ir ao dentista, e tratar do seu dente. E aí, são os prefeitos que sabem onde está essa gente. Não é o presidente da República, que está lá em Brasília.

É por isso que nós precisamos ter essa ação entre o governo federal, entre prefeitos e entre o governador. Eu digo todo dia que quando o presidente da República fica brigando com o governador, o presidente da República fica brigando com o prefeito, o governador [fica brigando] com o prefeito, sabe quem ganha? Ninguém. Sabe quem perde? É o povo, que não é respeitado em seu cotidiano. Então, nós temos que trabalhar em conjunto. Não importa se é corintiano, se não é, se é ABC, se não é, não importa, não importa de que partido seja. O que importa é o seguinte: a pessoa ganhou as eleições, tem que parar de futricar, trabalhar, e o presidente da República tem que respeitar o resultado da urna, o governador tem que respeitar e o prefeito tem que respeitar. Se todo mundo agir assim, vai ser muito melhor para o povo de Natal e para o povo de quase seis mil municípios neste país.

Portanto, meus queridos companheiros e companheiras, é uma alegria. Nós, agora, vamos assinar o decreto de concessão do aeroporto, vamos assinar a concessão. Este moço aqui vai fazer a doação de máquinas agrícolas



para os pequenos produtores aqui; este moço aqui, que é do Turismo... Eu não sei que diabo que o Turismo fica fazendo investimento em saneamento básico. É coisa da prefeitura, é coisa da Governadora, é coisa do Ministério das Cidades, não do Turismo. Mas por que ele tem que fazer? Porque tem lugares importantes aqui que recebem muito turista do Brasil inteiro, e nós, então, precisamos fazer investimento em uma coisa que político não fazia. Micarla, você é nova na Administração, eu vou lhe contar uma coisa: no Brasil, a classe política não gostava de fazer investimento em obra de saneamento básico. Não gostava, porque ninguém gostava de enterrar manilha para coletar o esgoto da casa de cada um, porque em uma manilha não dá para a gente colocar o nome da mãe da gente, do tio da gente, do pai da gente: “Ponte não sei o quê”, “viaduto não sei o quê”. A manilha está lá embaixo da terra, ninguém quer fazer.

Pois bem. Eu posso te dizer uma coisa, posso te dizer uma coisa assim, olhando na cara de toda a classe política deste estado: aqui, neste estado, eu sou capaz de colocar os outros dedos aqui no fogo se em toda a história deste estado foi investido metade do que nós estamos investindo hoje em saneamento básico, aqui neste estado e nesta capital.

Drenagem. Eu sei que você mandou um projeto de drenagem. Este país não colocava dinheiro em drenagem porque a ignorância da classe política era tanta que eles preferiam ter como referência o nome de um parente numa ponte, e não uma criança com saúde, brincando na rua, sem pisar em esgoto a céu aberto. Essa coisa mudou, essa coisa mudou, e mudou muito. E vai mudar muito mais porque nós aprendemos que investir em saneamento básico... Estou aqui com o Ministro da Saúde. A cada real que a gente investe em saneamento básico, a gente está economizando três ou quatro reais na área da Saúde. Então, significa melhorar a qualidade de vida para as pessoas que mais precisam neste país. Se você tem projeto e qualquer outro prefeito tem projeto de drenagem, pela primeira vez vocês vão ter dinheiro para financiar



drenagem nas cidades brasileiras, para que a gente possa cuidar mais e melhor do povo brasileiro.

Por último, eu queria dizer a vocês uma coisa importante. Vocês viram ontem os jornais... eu ainda não falei a respeito, mas hoje eu consegui ver alguns jornais, e o pessoal está dizendo assim: “Brasil tem crescimento *made in China*”. O Brasil está crescendo igual à China. O Brasil vai gerar, este ano – só para vocês terem ideia –, este ano nós vamos gerar, com carteira assinada, mais de dois milhões de novos empregos neste país. Então, a matéria de hoje, a matéria de hoje, ela retrata o crescimento do Produto Interno Bruto brasileiro no primeiro trimestre. É algo muito importante, mas a gente tem que tratar isso com muita humildade. A gente não pode sair por aí batendo bumbo, não. A gente tem que continuar trabalhando com seriedade. Se alguém pensa que, por conta das eleições, eu vou rasgar nota de R\$ 5, “pode tirar o cavalo da chuva”, porque eu sei, eu sei o que eu passei para chegar até aqui. Eu sei o que tentaram fazer comigo em 2005. Eu sei quantos torciam para que eu não desse certo neste país. Eu sei quantas pessoas iam dormir à noite dizendo “Por que esse peão não acaba logo? Por que esse peão não vai embora?”. Eu sei quantas matérias fizeram contra mim. Agora, com a ajuda de vocês, essas pessoas vão ter que aceitar algumas coisas.

Eu, meu caro governador, eu e o José Alencar somos, na história republicana, o primeiro presidente e o primeiro vice que não têm diploma universitário. Aqui já teve advogado, médico, dentista, usineiro, já teve tudo o que você possa imaginar. Eu e o José Alencar somos os únicos que não tivemos diploma universitário.

Mas, veja a ironia do destino: eu já sou hoje o presidente da República que mais investiu em universidades, na história do Brasil. Aqui no Rio Grande do Norte, vocês sabem quantas escolas técnicas, quantas universidades e quantas extensões universitárias nós estamos criando, aqui vocês sabem. Aqui vocês sabem o que significa o ProUni.



Aliás, este mês, eu vou participar de uma festa que, para mim, se depois da festa eu cair morto, agradeço a Deus. Nós vamos entregar – eu, o Temporão e o Fernando Haddad, ministro da Educação –, nós vamos entregar os primeiros 540 diplomas de médico para pessoas da periferia que estudaram no ProUni. Vai ser, vai ser... Eu não vou morrer do coração porque eu sou corintiano, e como eu sofro muito lá, eu vou ficar... Mas, entregar, entregar diploma para médicos da periferia, pobres, 40% negros da periferia, meninos e meninas que estavam proibidos de estudar, desenganados, que entraram no ProUni, Temporão – já são 706 mil jovens brasileiros fazendo o ProUni –, e entregar para eles um diploma de médico, é coisa porreta, é coisa muito porreta, porque médico [Medicina] é o curso mais caro da universidade. Quanto é que está um curso, hoje, de Medicina? Olha, um curso de Medicina deve estar uns R\$ 5 mil por mês, para pagar. Qual é o pobre que pode estudar? Só pode ser médico filho de rico ou japonês, que também tem que ser filho de rico. Pobre, do Nordeste, está predestinado...

Hoje os prefeitos sabem, quando querem levar um médico para o interior, precisa pagar 15 ou 20 mil reais. A prefeitura não tem condições, porque também, Temporão, as pessoas querem trabalhar perto da praia, querem trabalhar na Avenida Paulista, querem trabalhar na Avenida Copacabana. Ninguém quer ir roer osso, essa é a verdade. Se fosse como eu, criado com mocotó e com pirão com aquela farinha grossa, roendo osso, certamente essas pessoas iriam trabalhar na periferia.

Mas, eu vou, vou falar a última coisa agora. Ontem, Garibaldi, eu tive uma notícia que vocês precisam ter orgulho. Quando eu tomei posse na Presidência da República, no mês de março de 2003 o ministro da Integração, na época o Ministro Ciro Gomes, me procurou para comunicar que o Banco do Nordeste tinha emprestado apenas R\$ 262 milhões. Preste atenção, Garibaldi, R\$ 262 milhões, e tinha 37,5% de inadimplência, ou seja, não emprestava dinheiro e, do pouco que emprestava, as pessoas ainda não pagavam.



Pois bem, no ano passado, nós fechamos o BNB com R\$ 22 bilhões de empréstimos e apenas 3% de inadimplência, e só para o AgroAmigo, só para o AgroAmigo que nós emprestamos R\$ 1,3 bilhão para o pequeno agricultor - que pega R\$ 1 mil, R\$ 800,00 - nós emprestamos R\$ 1,3 bilhão para um milhão de agricultores nordestinos, e muita gente aqui, do Rio Grande do Norte. E sabe qual é a inadimplência? Menos que 3%. Significa que o pobre deste país paga, porque nós temos como patrimônio a nossa honra, o nosso nome e nós temos vergonha de pegar e não pagar.

Eu aprendi... Aprendi, meu caro governador, meu caro Henrique Alves, que não tem nada mais fácil e não tem nada mais barato do que governar para pobre, porque rico vai ao governo, ele quer logo R\$ 1 bilhão, R\$ 2 bilhões, R\$ 3 bilhões, e, às vezes, faz uma fábrica e gera 200 empregos. Nós temos que ajudar a emprestar esse dinheiro, mas você imagina, com R\$ 1,3 bilhão nós emprestamos dinheiro para um milhão de pessoas. Se a gente tivesse que emprestar para um empresário, era só um que pegava o dinheiro. Um milhão pegou dinheiro, ou seja, nós estamos fazendo o que Jesus nos ensinou: fazendo a multiplicação dos pães para que os pobres possam ter acesso àquilo que, até então, era só de uma parcela da sociedade brasileira.

Eu... Eu não sei se a minha assessoria tem, mas uma coisa que eu gosto de falar... Eu estou falando e a minha assessoria nem olha para mim, eles já estão de olho em quem será o próximo Presidente, já estão querendo agradar a quem vai ser, porque... Então, veja, eu não sei, mas eu queria dar um dado aqui para vocês. Nós... Sabe quantos... sabe quanto de fios, ou seja, desses cabos que passam na rua, quantos cabos.... quanto de cabo nós já gastamos no programa Luz para Todos, Henrique? Sabe, Fátima? Já gastamos... Já investimos um milhão e cem mil quilômetros de fios, um milhão e cem mil quilômetros. Para você ter ideia, daria para enrolar a Terra vinte e sete vezes. Já pensou eu subindo numa nave espacial e enrolando esse fio no sol? São 27 voltas na Terra, o que nós já colocamos de fio para levar energia



na casa do povo mais longe. Já foram gerados, só no programa Luz para Todos, minha querida Wilma, 351 mil empregos, desde que o Programa começou. Nós já utilizamos 5 milhões e 860 mil postes, esses postes da rua. Foram 5 milhões e 860 mil postes só para o programa Luz para Todos. E sabem quantos transformadores? 863 mil transformadores.

Esse Programa, esse Programa já atendeu 2 milhões e 300 mil pessoas, ou melhor, 2 milhões e 300 mil casas. Há casas mais longe, no campo, que não tinham energia elétrica. As pessoas ficavam à base do candeeiro. Nós não vamos conseguir fazer tudo. Nós já cumprimos a meta. O Rio Grande do Norte foi o primeiro a ser universalizado, mas depois que a gente fez, a gente foi descobrindo novas pessoas, e nós pretendemos zerar. Eu quero estar vivo quando a gente apagar o último candeeiro deste país, o último candeeiro. Depois que a gente coloca luz, as pessoas compram televisão, uma casinha de farinha, uma geladeira.

Você sabe, ô Guilherme, eu morava num bairro em São Paulo, eu não tinha geladeira. Sabe o que eu fazia? Pegava, comprava cerveja quente no supermercado, que é mais barata... a cerveja quente no supermercado é mais barata do que a cerveja gelada no bar. Então, eu pegava a cerveja quente, descia, num balde, dentro de um poço, deixava lá uns 40 minutos dentro do poço, depois pegava... Não estava gelada, mas para quem tinha vindo de Garanhuns, estava bom. Tomava e estava bem da vida.

Agora, eu fico imaginando uma pessoa pobre do Amazonas, depois que chegou o programa Luz para Todos, abrir a geladeira e pegar uma aguinha gelada para beber. Não tem coisa melhor do que isso, não tem coisa melhor! Eu não estou falando cerveja, eu não estou falando nada porque eu não posso fazer propaganda de bebida. Mas que uma geladinha também é boa, é. É boa, é boa, e Deus, e Deus sabe que é bom, sobretudo em um estado que faz um calor como este.

Então, companheiros e companheiras, eu quero dizer aos companheiros



aqui... Eu queria chamar a atenção para uma coisa, olhem... Eu queria chamar a atenção para uma coisa. É que vocês... eu estou ali com o Emir do Catar ali, está ali o Emir do Catar, ou o príncipe da Arábia Saudita está ali com uma bandeira... nem sabia que lá na Arábia Saudita tinha o número 13, mas tem. Bem, eu queria pedir uma coisa para vocês, olhem: é que vocês... rapaz, a Farmácia Popular... Está aqui o pessoal da Farmácia Popular. A Farmácia Popular é uma coisa que cada município pequeno... essa é uma coisa que os prefeitos podem ajudar. A Farmácia Popular, tem aquelas que são feitas pelo governo, a gente compra um prédio e faz a farmácia, coloca gente para trabalhar e vender remédio, e tem aquela, em uma cidade pequena, se tiver um farmacêutico particular, ele pode, na sua farmácia particular, criar um balcãozinho e escrever "Farmácia Popular", e vender remédio, que a gente paga 90% e a pessoa paga apenas 10%. Se a pessoa for comprar um remédio que custa R\$ 10, o governo paga R\$ 9 e a pessoa paga só R\$ 1. Qualquer prefeito pode convencer o farmacêutico da sua cidade a fazer, na sua farmácia, uma parte normal e uma parte "Farmácia Popular". Nós já temos quantas no Brasil, Temporão? Dez mil... Treze mil, mas ainda pode se fazer muito mais. Portanto, eu quero, eu quero agradecer à companheira que falou da Farmácia Popular. A Farmácia Popular, Temporão, você não estava no governo ainda, mas quando eu pensei em criar a Farmácia Popular, é porque essa gente humilde, mais pobre, às vezes pega uma receita e morre com a receita na cabeceira da cama porque não tinha dinheiro para comprar. E agora as pessoas vão receber...

Gente do céu, eu queria pedir para vocês: não permitam, não permitam que o processo eleitoral estrague o que está acontecendo no Brasil, não permitam. Não permitam porque... Veja, eu, da minha parte, da minha parte, nós vamos manter a estabilidade econômica, da minha parte, eu vou controlar a inflação. Eu farei qualquer coisa para não deixar a inflação voltar, porque quando a inflação volta, ela come é o bolso do pequeno, é o bolso daquele que



trabalha. Então, o Brasil nunca viveu um momento tão excepcional como este, e agora que a gente construiu isso nós vamos levantar a cabeça e vamos manter este país com esta ordem, com este crescimento, com este desenvolvimento. Eu tenho certeza de que este estado extraordinário não só já contribuiu, como vai continuar contribuindo.

Eu quero, então, me despedir de vocês dizendo... desejando um grande abraço a cada mulher, a cada homem, a cada prefeito, e dizer para vocês: continuem acreditando, que este país jamais voltará a ser o que foi. Este país aprendeu a gostar de si próprio, este país tem autoestima e este país hoje é respeitado no mundo. E eu acho que nós conseguimos isso.

Eu queria aproveitar que o seu Modinha está aí, dar um abraço no seu Modinha, aqui no microfone, essa figura simpática, com esse chapeuzinho aí que não caberia na minha cabeça porque eu tenho a cabeça maior do que a dele.

Um abraço, gente, e que Deus abençoe cada um de vocês.

(\$211A)